



SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0289/2025

**EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 23/10/2025**

Líderes sauditas enviam mensagens de condolências ao Emir do Kuwait após morte de ex-diplomata



O Rei Salman da Arábia Saudita e o Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman enviaram as suas condolências ao Emir do Kuwait, Sheikh Meshal Al-Ahmad Al-Jaber Al-Sabah, após a morte do Sheikh Ali Abdullah Al-Ahmad Al-Jaber Al-Sabah aos 75 anos.

Ele era um diplomata que ocupou vários cargos de alto escalão, incluindo subsecretário interino e director do Departamento Europeu do Ministério das Relações Exteriores.

Em telegramas separados, o Rei e o Príncipe herdeiro transmitiram as suas orações para que Deus perdoasse o falecido e tivesse misericórdia dele. **Fonte-Arab News.**

Sheikh Saleh Al-Fawzan nomeado Grande Mufti do Reino da Arábia Saudita



O Sheikh Saleh bin Fawzan bin Abdullah Al-Fawzan foi nomeado o novo Grande Mufti da Arábia Saudita.

Sheikh Saleh bin Fawzan bin Abdullah Al-Fawzan foi nomeado Grande Mufti do Reino da Arábia Saudita e Presidente do Conselho de Acadêmicos Seniores. A nomeação foi feita por Decreto real e com base em uma proposta do Príncipe herdeiro Mohammed bin Salman, informou ontem quarta-feira a Agência de Imprensa Saudita. O estudioso religioso também assumirá o papel de presidente da Presidência Geral de Pesquisa Acadêmica e Ifta. Sheikh Saleh sucede o ex-grão-mufti Sheikh Abdulaziz Al-Asheikh, que faleceu em 23 de setembro. **Fonte-Arab News.**

Reino da Arábia Saudita condena projectos de leis israelenses para anexação de terras palestinas



Um membro das forças de segurança israelenses monta guarda, com vista para o assentamento de Nahliel (ao fundo), enquanto as forças de segurança impedem que os palestinos cheguem às suas terras para colher azeitonas, na vila de Kobar, perto de Ramallah, na Cisjordânia ocupada por Israel, 18 de outubro de 2025.

O Ministério das Relações Exteriores do Reino da Arábia Saudita condenou ontem quarta-feira a aprovação preliminar pelo Parlamento israelense de dois projectos de lei, um dos quais busca legitimar um assentamento ilegal na Cisjordânia ocupada e outro que tenta impor a soberania israelense sobre todo o território. O Reino disse que rejeitou firmemente todos os assentamentos e actividades expansionistas das autoridades de ocupação israelenses na Cisjordânia e reafirmou seu apoio ao direito dos palestinos de estabelecer um Estado independente baseado em fronteiras anteriores a 1967, com Jerusalém Oriental como sua capital, de acordo com as resoluções internacionais. O ministério lembrou à comunidade internacional a sua responsabilidade de implementar as resoluções da ONU e deter as invasões israelenses no território palestino, e pediu um processo de paz que resulte em uma solução de dois Estados para alcançar a segurança

e a estabilidade na região, informou a Agência de Imprensa Saudita. Antes, os legisladores israelenses votaram no Knesset para avançar dois projectos de lei relacionados à anexação da Cisjordânia, uma meta promovida por ministros de extrema direita. Os projectos terão que passar por três votações adicionais no parlamento para se tornarem lei. O primeiro projecto de lei, aprovado por 32 votos a 9, propõe a anexação de um grande assentamento israelense a leste de Jerusalém. O segundo, que propõe a anexação de toda a Cisjordânia, foi aprovado por 25 votos a 24. **Fonte-Arab News.**

Governador da Província Oriental recebe enviado belga



Durante as reuniões, todos os lados discutiram as relações bilaterais e vários tópicos de interesse comum.

O governador da Província Oriental, Príncipe Saud bin Naif bin Abdulaziz, recebeu ontem quarta-feira em Dammam, o embaixador belga no Reino, Pascal Gregoire. Ele também recebeu o embaixador dos Emirados Árabes Unidos no Reino da Arábia Saudita, Matar Salem Al-Dhaheri, informou a Agência de Imprensa Saudita. Durante as reuniões, todos os lados discutiram as relações bilaterais e vários tópicos de interesse comum. **Fonte-Arab News.**

Embaixada da Suíça no Reino Saudita celebra 734º Dia Nacional



Zwahlen elogiou os dois moderadores do evento e os membros mais jovens de sua equipe, do Reino da Arábia Saudita e da Suíça, como exemplos de estreita cooperação, expressando orgulho pela futura geração de diplomatas.

A Embaixada da Suíça organizou ontem quarta-feira em Riade, uma recepção do Dia Nacional, marcando o 734º aniversário da Confederação Suíça. A embaixadora da Suíça no Reino da Arábia Saudita, Yasmine Chatila Zwahlen, disse: "Em 1291, três cantões

alpinos fizeram um tratado, uma aliança para cooperação e defesa mútua contra potências estrangeiras, que felizmente eram nossas melhores amigas hoje".

A embaixadora ressaltou os laços fortes e duradouros entre a Suíça e o Reino, que levaram ao lançamento do primeiro Fórum de Hospitalidade Saudita-Suíça em Diriyah. "Sua presença testemunha a profundidade de nossas relações e os laços de amizade entre os governos e os povos do Reino da Arábia Saudita e da Suíça. "A parceria entre a Suíça e o Reino da Arábia Saudita é baseada no respeito mútuo, interesses compartilhados e espírito de inovação", disse ela.

Zwahlen destacou o apoio da Suíça à Visão Saudita 2030, particularmente em hospitalidade e educação. "Esta noite, quero lançar luz sobre um sector específico. Gostaria de destacar o sector que está no centro da Visão Saudita 2030 e no qual a Suíça é líder mundial. É a indústria da hospitalidade e a educação em hospitalidade ", disse ela. Ela observou iniciativas conjuntas recentes, incluindo o lançamento da Swiss Hospitality Network no Reino da Arábia Saudita, uma plataforma para colaboração entre as partes interessadas das duas nações.

Zwahlen também anunciou o lançamento do primeiro Fórum de Hospitalidade Saudita-Suíço, que acontecerá em Bab Samhan, em Diriyah, que foi projectado para acelerar e aprofundar a cooperação e visa fortalecer os laços entre as escolas de hospitalidade suíças e as entidades sauditas no desenvolvimento do capital humano, educação em hospitalidade e excelência cultural, no âmbito da Visão Saudita 2030. O Reino da Arábia Saudita continua sua jornada inspiradora de reforma rápida.

"Os parceiros suíços estão orgulhosamente acompanhando esses esforços em áreas como transporte, educação, cultura, hospitalidade, treinamento em hospitalidade, saúde, tecnologia limpa, FinTech, desenvolvimento industrial e muitos outros sectores", disse Zwahlen.

Sobre assuntos globais, ela elogiou o Reino por promover a paz por meio de soluções internacionais e diálogo. "Quando nos reunimos aqui em 2023 e 2024, reflectimos juntos sobre o sofrimento causado pelos conflitos em Gaza, na Ucrânia, no Sudão e além." "Permita-me agora reconhecer e expressar meu apreço pelo papel da liderança saudita em co-facilitar a conferência da ONU sobre a solução de dois Estados e tudo o que se segue.

"A Suíça, por nossa vez, apoia a Declaração de Nova York e sua implementação, com a esperança de restaurar uma perspectiva política baseada no direito internacional e na visão de dois Estados", acrescentou.

Durante a recepção, a embaixadora elogiou os dois moderadores do evento e os membros mais jovens da sua equipa, do Reino da Arábia Saudita e da Suíça, como exemplos de estreita cooperação, expressando orgulho pela futura geração de diplomatas.

Em seus comentários finais, ela disse: "Viva o Reino da Arábia Saudita, viva a Suíça e viva a amizade saudita-suíça". A celebração contou com a presença de funcionários e diplomatas de alto nível, incluindo Faisal Al-Sudairy, subsecretário da região de Riade, que representou o governador de Riade, Príncipe Faisal bin Bandar. **Fonte-Arab News.**

Autoridade anticorrupção saudita faz dezenas de prisões por crimes de suborno



A sede da Comissão Nacional Anticorrupção (Nazaha) em Riade.

A autoridade anticorrupção do Reino da Arábia Saudita prendeu funcionários do governo que aceitam subornos em troca de concessão de contratos, ignoram violações e emitem licenças, entre outros crimes, informou a Agência de Imprensa Saudita na noite da passada terça-feira.

Um funcionário que trabalhava no Ministério da Indústria e Recursos Minerais foi preso por receber SR1,6 milhão (US\$ 433.285) em troca da emissão ilegal de uma licença de pedreira para uma empresa de propriedade de um investidor estrangeiro residente, que também foi preso.

Um cidadão saudita foi preso por receber SR85.000 em troca do cancelamento de uma ordem de demolição emitida contra um terreno agrícola que não tinha escritura de propriedade. Mais dois funcionários que trabalhavam no município da mesma região também foram detidos por receberem quantias em dinheiro em troca de ordens de demolição suspensas. Outro funcionário que trabalhava em um município local, que não foi identificado, foi preso por receber SR195.000 em troca de adjudicar ilegalmente uma licitação a uma entidade comercial não identificada.

Em outro caso, o director de uma usina de dessalinização foi suspenso por receber SR35.000 de uma entidade comercial contratada em troca de não registrar as violações cometidas por essa entidade. Um funcionário do município recebeu uma quantia de SR30.000 de um total acordado de SR240.000 em troca de facilitar o desembolso ilegal de SR8.303.000 em dívidas financeiras a uma entidade comercial, pela qual foram presos.

Um suboficial que trabalhava na Direcção Geral de Defesa Civil recebeu SR10.430 em troca da emissão ilegal de uma licença para um estabelecimento comercial e foi suspenso. Um funcionário que trabalhava em um hospital do governo foi suspenso por desviar SR12.000 pertencentes a uma empresa de catering contratada para fornecer refeições para o hospital.

Um suboficial que trabalhava no Ministério da Defesa foi suspenso por receber quantias de dinheiro de cidadãs do sexo feminino em troca da promessa de empregá-las no ministério. Um funcionário de um dos emirados regionais do Reino foi suspenso após receber uma quantia em dinheiro em troca de facilitar os procedimentos de uma transação de casamento para um residente. Nazaha também anunciou a prisão de um

funcionário que trabalhava em um tribunal regional de execução por receber uma quantia em dinheiro em troca da remoção do nome de um cidadão da lista de suspensão do serviço. Um funcionário da Autoridade Tributária e Aduaneira de Zakat foi suspenso por apropriação indébita de vários itens que haviam sido confiscados pela alfândega em seu local de trabalho.

Um funcionário do município foi preso por aceitar passagens aéreas para si e sua família de um morador que trabalhava para uma empresa contratada (que também foi preso), em troca de agilizar os processos de pagamento. Um inspector de mercado municipal foi suspenso por realizar inspecções em um estabelecimento comercial e levar ilegalmente SR7.500 junto com vários produtos de tabaco sem qualquer autoridade legal para fazê-lo.

Um funcionário do Ministério de Recursos Humanos e Desenvolvimento Social foi suspenso por receber pagamento de uma empresa em troca de não emitir uma violação regulatória contra ela. Um morador que trabalhava em um complexo de saúde filiado ao Ministério da Saúde foi preso por receber pagamento por prometer emitir uma licença de prática de saúde sem que o teste fosse feito.

Um funcionário do Ministério do Hajj e da Umrah foi preso por aceitar pagamento para se abster de cancelar a licença de funcionamento de um hotel. Nazaha também prendeu um funcionário da Saudi Electricity Company por receber pagamento para conectar ilegalmente o serviço elétrico a um local. O porta-voz da autoridade enfatizou o seu compromisso de detectar e prender qualquer pessoa que se aproprie indevidamente de fundos públicos ou abuse de sua posição para benefício pessoal ou para prejudicar o interesse público. **Fonte-Arab News.**

Empréstimos para PMEs no Reino da Arábia Saudita ultrapassam US\$ 112 bilhões



A meta da Visão Saudita 2030 é aumentar as contribuições das PMEs para o produto interno bruto de 30% para 35%.

Os empréstimos para pequenas, médias e microempresas no Reino da Arábia Saudita atingiram um recorde de SR420,7 bilhões (US\$ 112,18 bilhões) até o final do segundo trimestre de 2025, um aumento de 37% em relação ao mesmo período do ano passado, mostraram dados oficiais. Isso representa um aumento de mais de SR113,3 bilhões em comparação com o segundo trimestre de 2024, quando as instalações para PMEs ficaram em SR307,4 bilhões, informou a Agência de Imprensa Saudita, citando dados do Banco Central Saudita, também conhecido como SAMA. Em uma base trimestral, o boletim estatístico mensal da SAMA de agosto informou que os empréstimos aumentaram 10% em relação a SR383,2 bilhões no final do primeiro trimestre,

adicionando SR37,5 bilhões em novos créditos. Também se alinha com a meta da Visão Saudita 2030 de aumentar as contribuições das PMEs para o produto interno bruto de 30% para 35%. Com mais de 1,8 milhão de PMEs operando no Reino, apoiar financeiramente esse sector não é apenas uma meta política, mas uma necessidade macroeconómica. As empresas de médio porte receberam a maior parcela de empréstimos bancários, garantindo SR198,9 bilhões, cerca de 49% do total de facilidades bancárias. As pequenas empresas, por sua vez, dominaram o portfólio das empresas de financiamento, com SR8,5 bilhões, representando 46% do total desse sector. **Fonte-Arab News.**

[**África do Sul pretende reviver sua tecnologia de pequenos reatores nucleares**](#)



Postes de electricidade que transportam energia da usina nuclear de Koeberg são vistos na Cidade do Cabo em 2018.

A África do Sul espera elevar o status de cuidado e manutenção de seu Reator Modular de Leito de Seixos (PBMR) até o primeiro trimestre do próximo ano ou até antes, disse o ministro da Electricidade e Energia na quarta-feira. Antes considerada líder global no desenvolvimento de pequenos reatores nucleares modulares, a África do Sul interrompeu a sua pesquisa de PBMR em 2010 depois de gastar mais de 10 bilhões de rands (US \$ 577 milhões) e antes de construir um modelo de demonstração planejado.

"Estamos muito avançados em (nossos) processos internos para defender a suspensão do cuidado e manutenção do PBMR", disse Kgosientsho Ramokgopa, ministro da electricidade e energia, em uma colectiva de imprensa. A concessionária estatal de energia Eskom actualmente opera a única usina nuclear comercial do continente perto da Cidade do Cabo. O Egipto está construindo sua própria usina, enquanto países como Namíbia, Níger e Ghana estão explorando opções nucleares. "Estamos vendo grandes oportunidades em todo o mundo, com grandes players em data centers sendo os maiores investidores em SMRs (pequenos reatores modulares)", acrescentou. O Plano de Recursos Integrados (IRP) da África do Sul para 2025, que deve ser publicado esta semana, descreve mais de 105 gigawatts de nova capacidade de geração até 2039. A energia renovável deve ser responsável por mais da metade disso, à medida que o país busca reduzir sua dependência do carvão. A África do Sul tem ambições de revigorar sua indústria nuclear, com o IRP sugerindo que esse plano de industrialização determinará os méritos de 10 gigawatts de nova capacidade de geração nuclear.

Ramokgopa disse que China, Coreia do Sul, EUA e Rússia estão entre os países que poderiam fazer parceria com a Corporação de Energia Nuclear da África do Sul no desenvolvimento de pequenos reatores modulares. "Não achamos que ficaremos sem pretendentes que possam fazer parceria conosco no PBMR." **Fonte-Reuters.**

Emir do Qatar e o Presidente turco discutem cessar-fogo em Gaza



O Emir do Qatar, Sheikh Tamim bin Hamad Al-Thani, e o Presidente turco, Recep Tayyip Erdogan, em Doha.

O Emir do Qatar, Sheikh Tamim bin Hamad Al-Thani, co-presidiu ontem quarta-feira, em Doha, a 11ª reunião do Comitê Estratégico Supremo Qatar-Turquia com o Presidente turco, Recep Tayyip Erdogan. Durante a reunião, eles discutiram estratégias de cooperação em várias áreas, particularmente em defesa, comércio, investimento, energia e tecnologia da informação. Eles discutiram as principais questões regionais e internacionais, com foco na Faixa de Gaza e nos territórios palestinos ocupados, incluindo o cessar-fogo em Gaza, os esforços de paz e o fluxo de ajuda humanitária.

O Sheikh Tamim e Erdogan testemunharam a assinatura de vários memorandos de entendimento em defesa, comércio e planejamento de desenvolvimento estratégico. À margem da reunião, o Primeiro-ministro e ministro das Relações Exteriores do Qatar, Sheikh Mohammed bin Abdulrahman bin Jassim Al-Thani, discutiu vários tópicos com o seu homólogo turco, Hakan Fidan, incluindo o cessar-fogo em Gaza. **Fonte-Agência de Notícias do Qatar.**

Legisladores israelenses aprovam avanço de projectos de anexação da Cisjordânia



A bandeira nacional israelense tremula enquanto apartamentos são vistos ao fundo no assentamento israelense de Maale Adumim, na Cisjordânia ocupada por Israel.

Parlamentares israelenses votaram ontem quarta-feira a favor do avanço de dois projectos de lei sobre a anexação da Cisjordânia ocupada, uma ambição abertamente promovida por ministros de extrema-direita nos últimos meses. A votação ocorreu com

o Vice-presidente dos EUA, JD Vance, visitando Israel para reforçar um cessar-fogo em Gaza mediado pelo presidente Donald Trump, que deixou claro que não apoiaria a anexação da Cisjordânia.

"Não permitirei que Israel anexe a Cisjordânia", disse Trump a repórteres na Casa Branca em setembro. "Isso não vai acontecer." A imprensa israelense informou que o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu pediu aos parlamentares de seu partido Likud que se abstivessem de votar. Em um comunicado, o Likud chamou os votos de "outra provocação da oposição com o objectivo de prejudicar nossas relações com os Estados Unidos". "A verdadeira soberania será alcançada não por meio de uma lei vistosa para registro, mas por meio de um trabalho adequado no terreno", acrescentou.

Durante uma leitura preliminar ontem quarta-feira, os legisladores votaram a favor do exame de dois projectos de lei, o que significa que eles serão apresentados para novas leituras no parlamento. O primeiro texto, aprovado por 32 deputados a nove, propunha a anexação de Maale Adumim, um grande assentamento israelense que abriga cerca de 40.000 pessoas a leste de Jerusalém. A segunda proposta de anexar toda a Cisjordânia foi apoiada por 25 deputados, enquanto 24 votaram contra. O Knesset, como o parlamento é conhecido, tem 120 membros. Membros de extrema-direita do gabinete de Netanyahu pediram abertamente a anexação do território palestino, ocupado por Israel desde 1967.

"Senhor primeiro-ministro. O Knesset falou. O povo falou", postou o ministro das Finanças de extrema-direita de Israel, Bezalel Smotrich, no X. "Chegou a hora de impor total soberania sobre toda a Judéia e Samaria - a herança de nossos ancestrais - e promover acordos de paz em troca da paz com nossos vizinhos com força", disse ele, usando o termo bíblico israelense para a Cisjordânia. Todos os assentamentos de Israel na Cisjordânia são ilegais sob o direito internacional. Em agosto, Israel aprovou um grande projecto de assentamento entre Maale Adumim e Jerusalém em uma área do território palestino que a comunidade internacional alertou que ameaça a viabilidade de um futuro Estado palestino.

Em uma cerimônia de assinatura em setembro, Netanyahu prometeu que não haveria Estado palestino. "Vamos cumprir nossa promessa de que não haverá Estado palestino, este lugar pertence a nós", disse ele no evento em Maale Adumim. Excluindo Jerusalém Oriental anexada por Israel, a Cisjordânia abriga cerca de três milhões de palestinos, bem como mais de 500.000 israelenses que vivem em assentamentos. Desde que a guerra em Gaza começou em outubro de 2023, a violência também aumentou na Cisjordânia. **Fonte-Reuters.**

Figuras judaicas em todo o mundo pedem sanções contra Israel

Mais de 450 figuras judaicas de alto escalão em todo o mundo estão pedindo à ONU e aos líderes globais que imponham sanções a Israel por suas acções "que serão julgadas como tendo cumprido a definição legal de genocídio". O apelo foi feito em uma carta aberta assinada por ex-autoridades israelenses, vencedores do Oscar, intelectuais e actores. Eles estão exigindo responsabilidade pela conduta de Israel em Gaza e na Cisjordânia. "Não esquecemos que muitas das leis, cartas e

convenções estabelecidas para salvaguardar e proteger toda a vida humana foram criadas em resposta ao Holocausto", disse a carta. "Essas salvaguardas foram implacavelmente violadas por Israel."

Eles pedem aos líderes mundiais que cumpram as decisões da Corte Internacional de Justiça e do Tribunal Penal Internacional, evitem a cumplicidade em violações do direito internacional por meio de transferências de armas e garantam ajuda humanitária suficiente para Gaza. Falsas alegações de antisemitismo contra aqueles que pedem paz e justiça também devem ser rejeitadas, disseram os signatários. "Inclinamos nossas cabeças em tristeza incomensurável à medida que se acumulam evidências de que as acções de Israel serão julgadas como tendo cumprido a definição legal de genocídio", acrescentou a carta.

Outros signatários incluem o comediante americano Eric Andre, o romancista sul-africano Damon Galgut, o vencedor do Tony Award Toby Marlow e o filósofo israelense Omri Boehm. "Nossa solidariedade com os palestinos não é uma traição ao judaísmo, mas um cumprimento dele", disse a carta. "Quando nossos sábios ensinaram que destruir uma vida é destruir um mundo inteiro, eles não abriram exceções para os palestinos. Não descansaremos até que este cessar-fogo leve ao fim da ocupação e do apartheid." **Fonte-Reuters**.

[Irão ratifica lei para aderir à convenção da ONU contra o financiamento do terrorismo](#)



O Irão foi devolvido à lista negra do GAFI de países não cooperantes em 2020, que inclui a Coreia do Norte e Mianmar.

O Irão ratificou uma lei que se junta a uma convenção das Nações Unidas contra o financiamento do terrorismo, informou ontem a imprensa local, na esperança de que isso leve ao acesso a serviços bancários globais, a uma flexibilização do comércio e alivie a pressão sobre sua economia atingida por sanções.

O presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, foi eleito no ano passado com a promessa de facilitar as relações com o Ocidente e garantir o levantamento das sanções que estão prejudicando a economia. O seu governo está tentando alinhar o país com as demandas da Força-Tarefa da Acção Financeira (GAFI), que monitora a lavagem de dinheiro e o financiamento do terrorismo.

Teerão há anos fornece apoio ao grupo militante palestino Hamas, ao grupo libanês Hezbollah e aos houthis do Iêmen - todos designados como grupos "terroristas" pelos Estados Unidos, juntamente com o Corpo da Guarda Revolucionária Islâmica do Irão (IRGC). O Irão foi devolvido à lista negra do GAFI de países não cooperantes em 2020, que inclui a Coreia do Norte e Mianmar. Juntamente com pesadas sanções internacionais, particularmente dos Estados Unidos, a inclusão do Irão na lista negra isolou o sector financeiro do país e restringiu severamente seu acesso ao sistema bancário internacional.

"O presidente Masoud Pezeshkian promulgou ... a lei sobre a adesão da República Islâmica do Irão à Convenção Internacional para a Supressão do Financiamento do Terrorismo (CFT)". Não está claro qual seria o impacto econômico imediato se fosse removido do GAFI. O legislador iraniano Mahdi Shariari disse no início deste mês que a não adesão do Irão ao GAFI e ao CFT "criou dificuldades" no comércio, inclusive com os principais aliados, Rússia e China Reformistas e moderados em Teerão veem o cumprimento dos padrões do GAFI como um passo vital para se reconectar com o sistema bancário internacional e estabilizar a economia. No entanto, as sanções internacionais continuam sendo o principal obstáculo às actividades financeiras e comerciais globais do Irão. **Fonte-Reuters.**

[Filipinas prepara nova prisão para funcionários envolvidos em corrupção](#)



O secretário do Interior, Jonvic Remulla, mostra à imprensa uma cela típica capaz de abrigar cerca de 10 detentos em um centro de detenção em Quezon City, na região metropolitana de Manila, em 20 de outubro de 2025.

As Filipinas estão preparamo uma nova prisão que em breve poderá abrigar vários políticos poderosos, já que as autoridades estimam que cerca de 200 pessoas, incluindo autoridades, podem ser indiciadas em conexão com um escândalo de corrupção multibilionário envolvendo projectos de controle de enchentes. A indignação pública cresceu desde agosto nas Filipinas, quando os investigadores descobriram a apropriação indébita maciça de fundos em projectos de prevenção e mitigação de inundações. Uma auditoria ordenada pelo presidente Ferdinand Marcos Jr. descobriu em agosto que, dos 545 bilhões de pesos (US\$ 9,32 bilhões) alocados para os projectos desde 2022, milhares de projectos foram considerados abaixo do padrão, sem documentação adequada ou inexistentes. Em um esforço para acalmar o público sobre o escândalo que

implicou várias figuras políticas poderosas, o secretário do Interior, Jonvic Remulla, liderou a imprensa no início desta semana em uma visita a um centro de detenção na região metropolitana de Manila, que pode receber centenas de detidos. "Presumimos que a primeira ronda de acusações virá nas próximas semanas ... Na minha estimativa ... Acredito que cerca de 200 pessoas podem ser incluídas nos casos de escândalo de controle de enchentes", disse ele a repórteres. "Eu só quero mostrar que o BJMP (Bureau of Jail Management and Penology) está pronto, que nossas instalações estão preparadas e que não vamos recuar de nosso dever de cumprir a nossa responsabilidade como a agência responsável por todas as prisões nas Filipinas." **Fonte-Reuters.**

Indonésia e Brasil assinam acordos de cooperação



O presidente da Indonésia, Prabowo Subianto, acena enquanto caminha com o presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, durante uma cerimônia de boas-vindas no Palácio Merdeka, em Jacarta, Indonésia, em 23 de outubro de 2025.

A Indonésia e o Brasil concordaram em fortalecer os laços e fecharam hoje quinta-feira uma série de acordos, quando os seus líderes se reuniram em Jacarta, com a maior economia do Sudeste Asiático buscando fazer mais incursões nos mercados sul-americanos.

O presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva foi recebido por uma banda marcial e hinos nacionais em uma cerimônia no palácio presidencial em Jacarta antes de conversar com o homólogo indonésio Prabowo Subianto. A dupla testemunhou a assinatura de acordos sobre petróleo, gás, electricidade, tecnologia, mineração e agricultura, vários meses depois que o presidente dos EUA, Donald Trump, impôs uma tarifa de 19% sobre as importações da Indonésia sob um novo pacto e uma tarifa de 50% sobre produtos brasileiros. "Como é que dois países importantes do mundo, como a Indonésia e o Brasil, que juntos têm uma população de quase 500 milhões, têm apenas um volume de comércio de US\$ 6 bilhões?", disse Lula em entrevista colectiva conjunta após as negociações. "Isso não é suficiente para a Indonésia e não é suficiente para o Brasil." O líder indonésio disse que ambos os países estão trabalhando para estabelecer um acordo de livre comércio entre a potência do Sudeste Asiático e o bloco sul-americano Mercosul, que consiste em Brasil, Argentina, Paraguai, Bolívia e Uruguai. "Acredito que isso fortalecerá nossas relações e fará com que nossas economias e as economias da América Latina cresçam rapidamente", disse Prabowo a Lula.

Na conferência de imprensa, Prabowo chamou os dois países de "duas novas potências econômicas que estão surgindo" que devem "aumentar o comércio". O Brasil aprofundou as relações com o Sudeste Asiático nos últimos anos, e a participação de Lula na cúpula da Associação das Nações do Sudeste Asiático (Asean) na Malásia, que começa no domingo - a primeira de um presidente brasileiro - marca o crescente engajamento político do país na região. O Brasil também é um dos principais parceiros comerciais da Indonésia na América do Sul. O comércio total entre as duas nações entre janeiro e agosto foi de US \$ 4,3 bilhões. A nação do Sudeste Asiático está procurando reforçar os laços na América Latina e, em agosto, assinou um acordo comercial com o Peru. Também se juntou ao bloco Brics das principais economias emergentes, do qual o Brasil é membro, em janeiro. **Fonte-Reuters.**

Trump vai à Ásia com o objectivo de fazer acordos com Xi Jinping



O presidente chinês, Xi Jinping (à direita), e o presidente dos EUA, Donald Trump, na Cúpula do G20 em Osaka, em 29 de junho de 2019.

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, deve embarcar em uma grande viagem à Ásia nesta semana, com todos os olhos voltados para uma reunião esperada com o líder chinês, Xi Jinping, que tem enormes implicações para a economia global. Trump disse ontem que estava fazendo uma "grande viagem" à Malásia, Japão e Coreia do Sul, sua primeira visita à região desde que voltou à Casa Branca em uma explosão de tarifas e temeridade geopolítica. Grande parte da viagem permanece envolta em incertezas.

A Casa Branca quase não deu detalhes, e Trump alertou que sua reunião antecipada com Xi Jinping na Coreia do Sul pode nem acontecer em meio às tensões em curso. Mas Trump deixou claro que espera selar um "bom" acordo com a China e encerrar uma amarga guerra comercial entre as duas maiores economias do mundo que causou ondas de choque globais. Enquanto isso, as nações anfitriãs devem estender o tapete vermelho para garantir que fiquem do lado certo do imprevisível homem de 79 anos e ganhem os melhores negócios que puderem em tarifas e assistência de segurança.

Malásia e Japão

Sua primeira paragem deve ser a Malásia para a cúpula de 26 a 28 de outubro da Associação das Nações do Sudeste Asiático (ASEAN) - um agrupamento que Trump pulou várias vezes em seu primeiro mandato. Trump deve assinar um acordo comercial com a Malásia - mas, mais importante, supervisionar a assinatura de um acordo de paz entre a Tailândia e o Camboja, enquanto continua sua busca por um Prêmio Nobel da Paz.

"O presidente Trump está ansioso para ver os resultados mais positivos das negociações de paz entre a Tailândia e o Camboja", disse ontem o primeiro-ministro da Malásia, Anwar Ibrahim. O líder dos EUA também pode se encontrar com o colega brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva, à margem da cúpula para melhorar os laços após meses de ressentimento, disseram autoridades de ambos os países. A próxima paragem de Trump deve ser Tóquio, onde ele poderá se encontrar com a conservadora Sanae Takaichi, nomeada esta semana como a primeira mulher primeira-ministra do Japão.

O Japão escapou da pior das tarifas que Trump impôs a países ao redor do mundo para acabar com o que ele chama de balanças comerciais injustas que estão "roubando os Estados Unidos". Ao mesmo tempo, Trump quer que o Japão interrompa as importações de energia russa e também pediu a Tóquio que siga os aliados ocidentais no aumento dos gastos com defesa.

Xi Jinping na Coreia do Sul?

Mas o clímax da viagem deve ser na Coreia do Sul, onde Trump deve chegar em 29 de outubro para a cúpula da Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (Apec) - e potencialmente se encontrar com Xi Jinping. O primeiro encontro entre os dois líderes desde o retorno de Trump ao cargo pode suavizar a guerra comercial entre Washington e Pequim - mas as restrições de terras raras de Pequim também enfureceram Trump.

Trump inicialmente ameaçou cancelar a reunião e impôs novas tarifas, antes de dizer que iria em frente. Mas ele acrescentou na passada terça-feira que ainda "talvez isso não aconteça". Ele disse ontem que esperava fazer um acordo com Xi Jinping sobre "tudo" e também esperava que o líder chinês pudesse ter uma "grande influência" para fazer com que Vladimir Putin, da Rússia, acabasse com a guerra na Ucrânia. Analista alertou para não esperar nenhum avanço.

A Coreia do Sul, buscando seu próprio acordo comercial, está considerando o raro passo de conceder a Trump a Grande Ordem de Mugunghwa - a mais alta condecoração do país - durante sua visita. A Coreia do Norte também estará na agenda. O país disparou vários mísseis balísticos, poucos dias antes da visita de Trump.

Trump disse que espera se encontrar com o líder norte-coreano Kim Jong Un após várias reuniões durante o primeiro mandato do presidente dos EUA, mas não houve confirmação de relatos de que a Casa Branca estava considerando uma nova reunião desta vez. **Fonte-Reuters.**

O acordo de Gaza e a oportunidade perdida para a unidade dos EUA



DALIA AL-AQIDI

22 de outubro de 2025



Os EUA estão tão polarizados pelo partidarismo que nem mesmo a promessa de paz conseguiu superar sua divisão política.

O mundo assistiu com admiração ao acordo de paz do presidente dos EUA, Donald Trump, na semana passada, pondo fim à guerra devastadora em Gaza. Após dois anos de derramamento de sangue, crises de reféns e sofrimento humanitário, as armas finalmente silenciaram. Líderes árabes, potências mundiais e milhões de pessoas comuns celebraram um momento há muito esperado de alívio e esperança.

No entanto, enquanto grande parte do mundo celebrava esse tão esperado passo em direcção à paz, a reacção dentro dos EUA expôs uma verdade mais profunda sobre a própria nação - ela é tão polarizada pelo partidarismo que mesmo a promessa de paz não conseguiu superar sua divisão política.

Do Cairo a Riade e de Jerusalém a Washington, o acordo foi recebido como um ponto de virada. Líderes árabes elogiaram a liderança de Trump por restaurar a diplomacia em uma região que havia perdido a fé nela. O presidente egípcio, Abdel Fattah El-Sisi, chamou o acordo de "um momento histórico e decisivo". Líderes do Reino da Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Jordânia e Marrocos saudaram o cessar-fogo como um passo há muito esperado em direcção à estabilidade regional e à recuperação humanitária.

Mesmo os cépticos de longa data admitiram que esse acordo alcançou o que inúmeras tentativas antes não conseguiram: pôs fim à guerra e abriu um caminho para a estabilidade. Não surgiu no vácuo, mas foi fundamentado no legado dos Acordos de Abraão. Esses acordos mudaram o mapa diplomático do Médio Oriente, provando que a paz e a parceria poderiam substituir a hostilidade sem fim.

Enquanto grande parte do mundo comemorou, a resposta dos Estados Unidos foi profundamente dividida. Os republicanos de todo o país elogiaram o acordo como uma conquista histórica na diplomacia e uma prova da liderança do presidente. Eles

argumentaram que Trump mais uma vez entregou o que outros apenas falaram: progresso real em direcção à paz por meio da força, determinação e uma compreensão clara das realidades da região. Para eles, o acordo não foi apenas uma vitória política, mas a prova de que a liderança baseada em princípios poderia realizar o que anos de diplomacia cautelosa não conseguiram fazer.

Mas o Partido Democrata, em vez de se juntar ao mundo para celebrar este momento histórico, escolheu o silêncio e, em alguns casos, a dúvida aberta. Muitos de seus líderes minimizaram a importância do acordo e não estavam dispostos a reconhecer o que havia sido alcançado. Em vez de reconhecer uma rara vitória pela paz, eles se concentraram na política. Alguns até descartaram o acordo como "temporário" ou "impulsionado pelas eleições", como se parar o derramamento de sangue e salvar vidas inocentes não fosse motivo suficiente para gratidão. A reacção deles mostrou o quanto profundamente a política dividiu a América, mesmo quando a paz deveria ter unido a todos.

Figuras progressistas como a deputada Alexandria Ocasio-Cortez e seus aliados não conseguiram saudar o simples facto de que a guerra finalmente parou. Em vez de mostrar alívio por vidas estarem sendo salvas, eles usaram o momento para atacar o governo, acusando-o de hipocrisia e de ignorar o que chamaram de "injustiça". Sua resposta deixou claro que a ideologia, não a humanidade, orienta grande parte do debate político de hoje. Ao se recusarem a ver a paz como uma coisa boa simplesmente porque veio do outro lado do corredor político, eles mostraram o quanto profundamente o partidarismo substituiu o bom senso e a compaixão na vida pública da América.

Foi um momento poderoso e revelador. Enquanto líderes árabes, judeus e ocidentais ficaram lado a lado para saudar a tão esperada paz, algumas das vozes progressistas mais altas dos Estados Unidos optaram por permanecer divididas. Em um momento em que o mundo estava se unindo para celebrar a esperança e o fim da violência, eles se concentraram na culpa e na política. A reacção deles mostrou o quanto amplas as divisões políticas dos Estados Unidos se tornaram, quando até mesmo a paz é vista através de lentes partidárias e a unidade se torna algo a ser resistido em vez de abraçado.

A reacção da grande imprensa liberal não foi melhor. Em vez de comemorar o avanço diplomático, muitas redes e jornais procuraram minimizá-lo. A cobertura se concentrou em dúvidas, se o cessar-fogo duraria, quem poderia se beneficiar politicamente ou quais eram os "motivos" de Trump. A ajuda humanitária e a libertação de reféns receberam apenas atenção limitada.

Em contraste, os meios de comunicação conservadores e muitos jornalistas independentes descreveram o acordo pelo que realmente era: histórico e esperançoso. Eles se concentraram no quadro geral, reconhecendo que, quando a diplomacia funciona, o mundo inteiro se beneficia, não importa qual partido político esteja no poder. Para eles, a própria paz era a verdadeira vencedora.

Mas para grande parte da grande imprensa, admitir que Trump desempenhou um papel no fim da guerra parecia mais difícil do que reconhecer que o sofrimento finalmente parou. Em vez de celebrar as vidas salvas e a violência interrompida, muitos optaram por minimizar a conquista porque não se encaixava em sua narrativa política. Foi um lembrete de que, na América de hoje, o preconceito da imprensa às vezes pode ofuscar a verdade, mesmo quando a história é de paz.

Esse padrão não é novo. Quando os Acordos de Abraão foram assinados em 2020, normalizando as relações entre Israel e os Emirados Árabes Unidos, Bahrein, Marrocos e Sudão, muitos dos mesmos meios de comunicação trataram isso como uma história menor. No entanto, esses acordos remodelaram a região, inspiraram a cooperação económica e abriram novos canais de diálogo que eventualmente abriram o caminho para a actual paz em Gaza.

Recusar-se a reconhecer esses marcos históricos não prejudica Trump; prejudica a imagem moral da América aos olhos do mundo. Quando a paz é vista como uma vitória política em vez de uma vitória humana, ela envia a mensagem errada sobre o que os Estados Unidos representam. Isso sugere que salvar vidas e acabar com as guerras só importam se trouxerem benefícios políticos. Essa atitude enfraquece a credibilidade da diplomacia dos EUA e torna mais difícil para outras nações confiarem nos Estados Unidos como um parceiro justo e consistente. A verdadeira liderança significa celebrar a paz, não importa quem a alcance, porque o objectivo deve ser sempre estabilidade, segurança e esperança, não pontos políticos.

Por quase dois anos, as ruas dos Estados Unidos transbordaram de protestos exigindo paz em Gaza. Os campi universitários se transformaram em arenas de raiva e slogans. Então veio o silêncio.

Quando o acordo de paz foi anunciado, as mesmas vozes que gritavam por um cessar-fogo desapareceram. Não houve celebrações, nem gratidão, nem alegria pelo fim da guerra.

Esse silêncio revelou algo mais profundo; Muitos protestos nunca foram sobre paz, mas sobre política. Uma vez que Trump conseguiu o que eles disseram que queriam, sua indignação perdeu o propósito. Quando o activismo se transforma em um hábito de raiva, as soluções reais se tornam inconvenientes.

Quando a paz é alcançada, ela deve ser celebrada por todos, republicanos, democratas e independentes. Ignorar ou minimizar a paz apenas por causa de diferenças políticas vai contra os valores que os Estados Unidos defendem. O mundo olha para Washington em busca de liderança moral, não de política mesquinha ou divisão. A verdadeira força é mostrada quando uma nação pode se elevar acima do partidarismo para reconhecer o que é certo e justo.

Dalia Al-Aqidi é directora executiva do Centro Americano de Combate ao Extremismo.

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pela escritora nesta sessão é própria e não reflecte necessariamente o ponto de vista do **Arab News**.



**INDEPENDÊNCIA
NACIONAL DE ANGOLA
1975-2025**

Preservar e valorizar as conquistas alcançadas, construindo um futuro melhor